

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ- UNIPORÁ
TÉCNÓLOGO EM ESTÉTICA E COSMÉTICA**

NATHALIA FERNANDES BRITO

**O CORPO COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE NOS ADOLESCENTES:
CRENÇAS SOBRE A ESTÉTICA DO CORPO.**

IPORÁ-GO

2024

NATHALIA FERNANDES BRITO

**O CORPO COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE NOS ADOLESCENTES:
CRENÇAS SOBRE A ESTÉTICA DO CORPO.**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso Tecnólogo em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Iporá – UNIPORÁ, como exigência parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Estética e Cosmética.

Orientador: Prof. Ms. Geomar Souza Alves

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Geomar Souza Alves
Presidente da Banca e Orientador

Prof. Ms. Francielle Moreira Rodrigues
Examinadora

Prof. Esp. Zilta Monteiro dos Santos
Examinadora

IPORÁ-GO

2024

O CORPO COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE NOS ADOLESCENTES: CRENÇAS SOBRE A ESTÉTICA DO CORPO

THE BODY AS A SYMBOL OF IDENTITY IN ADOLESCENTS: BELIEFS ABOUT BODY AESTHETICS

Nathália Fernandes Brito¹

Geomar Souza Alves²

RESUMO

O presente estudo investigou a importância do corpo como símbolo de identidade para adolescentes na sociedade contemporânea. Ao transcender sua dimensão biológica, o corpo se torna um palco para a expressão de identidades, valores e práticas culturais, influenciando significativamente a autoestima e a autoimagem dos jovens. A pesquisa buscou compreender como as crenças sobre a estética corporal moldam a identidade adolescente, considerando a influência da cultura contemporânea, que impõe padrões de beleza muitas vezes inalcançáveis. A hipótese central é que essa cultura do corpo pode tanto influenciar positivamente quanto negativamente a construção da identidade. Os objetivos do estudo foram: analisar a evolução histórica da cultura corporal, com foco na contemporaneidade; explorar como o corpo contribui para a construção da identidade adolescente; e identificar as principais crenças sobre a estética corporal entre os adolescentes. Com a pesquisa, espera-se contribuir para uma melhor compreensão da complexa relação entre corpo e identidade na adolescência, destacando a importância de considerar as influências sociais e culturais nesse processo. Dentre os resultados, observa-se a importância da adoção de estratégias para promover a saúde mental e o bem-estar dos adolescentes, desafiando padrões de beleza irreais e incentivando a valorização da diversidade corporal. Além disso, destaca-se que a promoção da diversidade corporal e a valorização das diferenças individuais são essenciais para a construção de uma identidade positiva.

Palavras-chave: Adolescência; Estética; Cultura corporal.

¹ Acadêmica do Curso Tecnólogo em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Iporá – Uniporá. Email: nathyferbrito@gmail.com

² Orientador. Mestre em Química pela Universidade Federal de Jataí. Docente do Curso Tecnólogo em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Iporá – Uniporá. Email: geomargsa7@gmail.com

ABSTRACT

This study investigated the importance of the body as a symbol of identity for adolescents in contemporary society. By transcending its biological dimension, the body becomes a stage for the expression of identities, values, and cultural practices, significantly influencing young people's self-esteem and self-image. The research sought to understand how beliefs about body aesthetics shape adolescent identity, considering the influence of contemporary culture, which imposes beauty standards that are often unattainable. The central hypothesis is that this body culture can both positively and negatively influence the construction of identity. The objectives of the study were: to analyze the historical evolution of body culture, focusing on contemporary times; to explore how the body contributes to the construction of adolescent identity; and to identify the main beliefs about body aesthetics among adolescents. The research hopes to contribute to a better understanding of the complex relationship between body and identity in adolescence, highlighting the importance of considering social and cultural influences in this process. The results show the importance of adopting strategies to promote mental health and well-being among adolescents, challenging unrealistic beauty standards and encouraging appreciation of body diversity. Furthermore, it is highlighted that promoting body diversity and valuing individual differences are essential for building a positive identity.

Keywords: Adolescence; Aesthetics; Body culture.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretendeu destacar a relevância do corpo como categoria analítica privilegiada para a compreensão das experiências de adolescentes e jovens no mundo contemporâneo. Ao se manifestar como uma interface entre o indivíduo e o social, o corpo transcende sua dimensão biológica, tornando-se um *locus* privilegiado de expressão de identidades, valores e práticas culturais. Nesse sentido, a corporeidade vai além da mera aparência física, constituindo-se como um campo simbólico no qual se entrelaçam questões de gênero, sexualidade, classe social e etnia (TAKEITI; CARNEIRO; PERES, 2021).

Ao se tornar objeto central de investigação, o corpo revela-se como um campo fértil para a análise das complexas relações entre o indivíduo e a sociedade, contribuindo significativamente para a construção de teorias sobre a condição humana e a vida social (DAOLIO, 2017).

Conforme destacado por Takeiti, Carneiro e Peres (2021), o corpo na adolescência e juventude tem sido objeto de crescente atenção, no entanto, persistem lacunas significativas na compreensão desse fenômeno. A abordagem predominante, que tende a focalizar aspectos específicos e isolados da corporeidade, como a aparência física ou a saúde, dificulta a apreensão da sua complexidade e da sua relação com outras dimensões da experiência humana.

Assim, para além do organismo, o corpo passou a ser indubitavelmente objeto concreto de investimento social e coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção através de práticas e discursos abundantemente exaltados (LE BRETON, 2016).

Diante disso, na adolescência surge uma fase vulnerável em que os jovens lidam com a imagem corporal em meio a influências sociais complexas e as crenças. Nesse sentido, entende-se que a imposição dos padrões sociais impacta significativamente a autoimagem, se refletindo também na autoestima dos adolescentes. A cultura do corpo passou a ser determinante em relação à identidade adolescente, ao passo que também marginaliza aqueles que não são considerados adequados, gerando grande problemática (TAKEITI; CARNEIRO; PERES, 2021).

Diante desse contexto, o presente estudo pretende responder à seguinte questão: quais as crenças sobre a estética do corpo como símbolo de identidade dos adolescentes? A hipótese inicial é de que a cultura do corpo na contemporaneidade, tanto pode influenciar de forma positiva, quanto negativamente a identidade adolescente.

Tendo em vista esses aspectos, o objetivo geral do estudo esteve em investigar o corpo como símbolo de identidade nos adolescentes mediante as crenças sobre a estética. Por sua vez, os objetivos gerais foram: discorrer sobre a cultura corporal ao longo da história, sobretudo na contemporaneidade; abordar a construção da identidade adolescente a partir do corpo e apresentar os resultados relacionados às principais crenças sobre a estética do corpo.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 A CULTURA DO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA

Cada sociedade vivencia seu modo de fazer e construir cultura. Isso significa que em cada momento histórico, há o estabelecimento de padrões a serem seguidos, como por exemplo, em relação ao modo de se vestir e o comportamento esperado dos seus membros. Observa-se que o contexto sociocultural passa de uma geração à outra, marcando, significativamente, as transformações ou estagnações (SEMIS, 2014).

2.1.1 Antiguidade clássica

O mesmo ocorre em relação aos padrões de beleza, os quais resultam da cultura corporal que se consolidou ao longo do tempo, desde a Antiguidade Clássica, até a contemporaneidade. Observa-se que o ideal de beleza se encontra ligado à produção de estereótipos e padronizações do corpo. Não obstante, é possível compreender que desde as civilizações mais antigas, o ideal de beleza se modificou, mas o corpo magro e atlético sempre esteve em destaque (CUNHA, 2020).

Historicamente, o corpo tem sido utilizado como meio de expressão da cultura dos povos. Em algumas sociedades, o corpo pintado, por exemplo, é repleto de simbologias, enquanto recurso de expressão cultural. Isso ocorre, principalmente, porque a história do corpo é moldada desde a pré-história, evoluindo com as civilizações e suas transformações culturais (ALCÂNTARA, 2021).

A cultura do corpo é evidenciada nos diversos registros históricos, principalmente nas expressões artísticas. Na Grécia, o corpo deveria refletir o belo e isso somente era conseguido a partir da harmonia e do equilíbrio corporal, supervalorizando a postura e os corpos considerados perfeitos, sem qualquer traço que pudesse maculá-los (SEMIS, 2014).

É possível compreender que na Antiguidade Clássica, a crença no corpo bem desenvolvido tornou um ideal de beleza a ser almejado. Não obstante, o belo passou a ser o parâmetro seguido e tanto as mulheres, quanto os homens, visaram esse

padrão. A beleza idealizada na época era a de corpos atléticos, com musculatura desenvolvida. Acreditava-se que ao buscar um corpo assim, o indivíduo se aproximaria da perfeição divina (ALCÂNTARA, 2021).

Mais à frente, o corpo arredondado, principalmente o feminino, se diferenciou do clássico. O ideal de beleza se distanciou do corpo atlético grego, se aproximando da representação do corpo gordo como resultado do progresso. No entanto, mais à frente, novamente o padrão corporal se voltou ao ideal de beleza grego e o corpo perfeito seria aquele cujas medidas fossem harmônicas, preservando a magreza e a musculatura bem delineada (BENEVIDES; RODRIGUES, 2017).

Com a maior imposição de um padrão corporal, magro e atlético, os problemas de identidade começaram a aparecer, uma vez que devido à constituição física e outros fatores, nem todos conseguiam alcançar o esperado. Dentre os mais jovens, tornou-se mais evidente o aumento dos transtornos alimentares, pois o corpo é tido como um dos principais símbolos da identidade, principalmente entre os adolescentes. Além disso, a expansão das mídias e o acesso às tecnologias de comunicação, fez com o padrão corporal fosse ainda mais difundido (ALCÂNTARA, 2021).

2.1.2 O corpo ideal na Idade Média

A relação entre o corpo e a espiritualidade, na Idade Média representou uma complexidade que transcendeu as interpretações mais simples. Embora a visão dualista, que opôs corpo e alma, tenha sido dominante nesse período, as manifestações culturais e sociais revelam uma gama variada de experiências corporais. A análise histórica demonstra que a relação entre o corpo e a fé cristã é marcada por diversas contradições, resistindo a interpretações unívocas (ROSÁRIO, 2016).

A teologia e a espiritualidade cristãs, ao longo dos séculos, elaboraram discursos complexos e ambivalentes sobre as representações do corpo, que se entrelaçaram com as transformações sociais e culturais de cada época. Essa tensão entre a repressão e a celebração do corpo revela a complexidade das representações corporais na Idade Média, que se encontravam em constante negociação entre os valores religiosos e as aspirações humanas (TUCHERMAN, 2017).

2.1.3 As representações do corpo na Idade Moderna

A relação entre o corpo e a cultura experimentou uma transformação radical ao longo da transição da Idade Média para a Idade Moderna. Se no período medieval predominou a visão negativa do corpo, associado ao pecado e à corruptibilidade, a partir do século XVI, com o advento do Renascimento, houve uma revalorização da corporeidade. A cultura renascentista, marcada pela valorização do humanismo e do individualismo, promoveu uma nova concepção do homem, que o colocou no centro do universo, ao passo que resgatou a importância da experiência sensível (DANTAS, 2018).

A arte, a literatura e as ciências desse período refletem essa mudança de paradigma, celebrando a beleza e a perfeição do corpo humano. No entanto, é importante ressaltar que a transição não foi linear, e a influência da visão medieval sobre o corpo perdurou por séculos, coexistindo com as novas concepções que emergiam (CARMO JÚNIOR, 2015).

Sobre essa mudança, Silva (2016) evidencia que o Renascimento, descrito como movimento cultural e artístico que marcou a transição da Idade Média para a Modernidade, foi marcado pela revalorização do corpo, principalmente nas expressões artísticas como é possível observar nas obras de Leonardo da Vinci e Michelangelo, que celebraram a beleza e a perfeição anatômica do corpo. Essa nova apreciação da corporeidade, contudo, não se limitou à esfera estética. A busca pela saúde e pelo bem-estar físico, aliada ao desenvolvimento das ciências naturais, impulsionou o surgimento de práticas corporais regulamentadas e sistematizadas.

Por sua vez, Aranha e Martins (2016) destacam que a expansão científica do século XVII, catalisou um ambiente propício à expansão das atividades comerciais da burguesia, antes restritas pelo arcabouço medieval. Essa relação entre conhecimento e economia impulsionou a transição para um novo modo de produção, o capitalismo, no qual as relações sociais passaram a ser moldadas pelos interesses da classe burguesa. Alicerçado nos avanços tecnológicos e científicos, esse período testemunhou o surgimento de um novo cenário produtivo, caracterizado pela industrialização em larga escala e pela construção de fábricas, que reconfiguraram as estruturas sociais e econômicas da época.

Com o surgimento e expansão do capitalismo, o corpo passou a ser considerado como um instrumento, semelhante a uma máquina produtiva, responsável pelo enriquecimento da burguesia. A partir dessa perspectiva utilitarista, os movimentos corporais passaram a ser submetidos a um rigoroso controle disciplinar, moldado pelas instituições sociais, as quais passaram a exercer o papel regulador que antes era da Igreja. Diante disso, a concepção mecanicista do corpo, que privilegiava as reações fisiológicas em detrimento da alma, consolidou-se nesse contexto, revelando uma profunda transformação na relação entre o indivíduo e seu corpo (SILVA, 2016).

2.1.4 O corpo ideal na contemporaneidade

Na contemporaneidade, o corpo humano, antes compreendido como uma dimensão inerente à experiência individual, gradualmente foi transformado em um produto cultural, moldado pelas forças sociais e históricas. A partir do século XX, as tecnologias e os meios de comunicação massificaram os padrões de beleza, impondo modelos corporais que se tornaram verdadeiros imperativos sociais (DAOLIO, 2017).

Daolio (2017) reforça que a cultura passou a exercer um papel fundamental na construção dos significados atribuídos ao corpo, moldando práticas, valores e identidades. No contexto contemporâneo, o corpo é um campo de disputa simbólica, onde se entrelaçam questões de poder, gênero, classe social e etnia. A mercantilização do corpo, que se intensificou nas últimas décadas, revela a complexa relação entre o indivíduo e a sociedade, na qual o corpo se torna um meio de expressão e, ao mesmo tempo, um objeto de consumo.

De acordo com Santaella (2018), no presente, a mídia passou a desempenhar um papel crucial na disseminação e intensificação do culto ao corpo, consolidando padrões estéticos e comportamentos que se tornam cada vez mais hegemônicos. A indústria da beleza, por sua vez, capitaliza sobre essa demanda, utilizando estratégias de marketing sofisticadas para induzir o consumo de produtos e serviços que prometem a tão almejada perfeição corporal.

Observa-se que busca incessante por novidades e tendências, desde as mais recentes práticas de atividade física até as intervenções cirúrgicas, revela a força com que esses padrões estéticos moldam as aspirações e as insatisfações individuais,

gerando um ciclo vicioso de consumo e busca pela autotransformação (SANTAELLA, 2018).

Na década de 1980 o corpo magro como reflexo da saúde e do bem-estar foi amplamente difundido e as revistas de dieta e boa forma ocuparam um espaço significativo, sendo consumida por grande parte da população mais jovem. O corpo em forma era considerado como o ideal de juventude e para conseguir alcançar esse padrão estético, as pessoas deveriam gastar seu tempo com dietas mirabolantes, intervenções estéticas e atividades realizadas nas academias (BENEVIDES; RODRIGUES, 2017).

Na mesma linha de pensamento, Alcântara (2021, p. 16) evidencia que, na contemporaneidade “houve uma exaltação maior em tipos físicos fortes, atléticos e tonificados, havia também uma ênfase em um corpo mais saudável e em forma.” Esse ideal predominou na década de 1990 e de certa forma, ainda predomina nos dias atuais.

No presente, a cultura do corpo magro e alongado, no qual predominam as curvas suavizadas pelos exercícios físicos ou intervenções estéticas, visando aparentar a menor massa corporal possível, o que alimenta ainda mais a estética padronizada (ALCÂNTARA, 2021).

Para Anjos (2018), um dos grandes problemas na atualidade se encontra no fato de que as pessoas almejam ideais estéticos que não são alcançados de forma natural. Claro que cuidar da saúde, da autoestima e autoimagem são aspectos positivos relacionados à cultura corporal, mas o que pesa está justamente na exigência de um padrão difícil de ser alcançado, principalmente por quem está em processo de desenvolvimento, como ocorre com os adolescentes.

Ademais, o referido autor destaca que a globalização fez com que a mídia se tornasse ainda mais disseminadora de informações e padrões e com o avanço das redes sociais, as pessoas buscam reproduzir o comportamento dos influenciadores, bem como seu ideal estético (ANJOS, 2018).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo sobre o corpo como símbolo de identidade nos adolescentes: crenças sobre a estética do corpo, constitui-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Destaca-se que esse tipo de pesquisa tem por finalidade buscar nos referenciais teóricos, o suporte para o alcance dos objetivos, a partir da resposta para o problema de pesquisa, considerando suas hipóteses (GIL, 2014).

A pesquisa bibliográfica é considerada como um passo importante para consolidar os saberes cientificamente produzidos. Mediante isso, no presente estudo, foram utilizados obras e pesquisas de referência sobre o assunto, buscados no Google Acadêmico, SciELO, Lilacs, PubMed e outros repositórios institucionais. Ressalta-se que a busca foi realizada a partir de algumas palavras-chave, dentre elas “padrões”, “cultura corporal”, “identidade”, “adolescentes”, “estética”, através de um aparelho notebook.

Mediante o levantamento do material científico, foi realizada a análise dos textos e as informações obtidas passaram a compor o item resultados e discussão, contidos no presente artigo. Destaca-se que a revisão de literatura foi desenvolvida nos meses de agosto a outubro de 2024 e os resultados, apresentados na Semana Empreendedora do Centro Universitário de Iporá – UNIPORÁ, ocorrida no mês de novembro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alcântara (2021) revela que as indústrias da dieta e dos cosméticos desempenham um papel fundamental na construção de modelos de beleza que associam a identidade à magreza, perpetuando um ideal estético que vincula o valor pessoal à aparência física. Essa associação entre magreza, sucesso e poder gera uma pressão social intensa para a conformidade com esses padrões, levando a uma crescente obsessão pela magreza e à medicalização da insatisfação corporal que se reflete em todos os estágios da vida, iniciando na adolescência.

De acordo com Alcântara (2021), a lógica binária que opõe o corpo magro e desejável ao corpo gordo e indesejável, reforçada pelos discursos midiáticos e pela indústria da beleza, contribui para a estigmatização do corpo que não se encontra dentro de algum padrão, e para a culpabilização das pessoas que não se enquadram nos padrões hegemônicos.

A associação entre o corpo e atributos negativos, como preguiça, lentidão e falta de autocontrole, reforça a ideia de que a obesidade, por exemplo, seja uma escolha individual e não o resultado de complexas interações entre fatores biológicos, sociais e culturais. Considerando a necessidade do adolescente de se inserir nos grupos sociais, o padrão imposto influencia significativamente a construção de sua identidade, o que gera uma série de problemas, tais como os transtornos alimentares e psicológicos (ALCÂNTARA, 2021).

Alcântara (2021) evidencia que na adolescência, as relações interpessoais se encontram em processo de construção e os jovens, tanto se espelham nos outros, quanto buscam construir sua própria identidade. Ao serem bombardeados com uma infinidade de informações, cobranças e exigências inseridas nos padrões cobrados pela sociedade, a imagem idealizada passa a fazer parte de seu contexto, o que dificulta a construção de uma identidade estética mais positiva.

Isso ocorre, principalmente, porque “[...] os conceitos de beleza e do que de fato é belo acabam sendo entranhados no subjetivo de cada sujeito de tal sorte que seu comportamento e sua autoimagem são transformados para que sejam satisfatoriamente transmitidas ao outro” (ALCÂNTARA, 2021, p. 25).

Le Bretton (2017) ressalta que a adolescência é marcada por intensas transformações corporais que, muitas vezes, se tornam o centro das preocupações e das buscas identitárias dos jovens. A modificação do corpo, seja através de práticas como tatuagens, piercings, cortes de cabelo, ou mesmo através de escolhas alimentares e de atividades físicas, constitui-se como uma forma de expressão de si e de construção da identidade. O corpo, nesse contexto, adquire um papel central, tornando-se uma forma de manifestação subjetiva, bem como uma ferramenta para a afirmação da singularidade e da diferença.

Alcântara (2021) argumenta que os adolescentes se veem constantemente expostos ao ideal de beleza e de vida perfeita que impacta significativamente sua identidade. Isso ocorre, principalmente, a partir da pressão social por uma estética

perfeita, pautada nos estereótipos, os quais afetam, não apenas a autoimagem, mas a autoestima e confiança desses jovens.

Observa-se que a intensa pressão social pela conformidade a padrões estéticos idealizados, especialmente na adolescência, quando a identidade está em construção, torna-se um terreno fértil para o desenvolvimento de transtornos alimentares e da imagem corporal, o que é comprovado no discurso de Goldenberg (2020), os quais também argumentam que a adolescência configura-se como um período crítico para a instalação de comportamentos disfuncionais relacionados à alimentação e à imagem corporal, o que demanda uma atenção especial.

Goldenberg (2020) argumenta que a compreensão da imagem corporal na adolescência é fundamental para elucidar o processo de constituição da identidade. Os autores reforçam que a imagem corporal é uma construção, tanto complexa, quanto dinâmica, visto que é moldada por fatores psicológicos, sociais e culturais.

A percepção que o adolescente tem de seu corpo, portanto, não é um dado natural, mas uma representação mental influenciada por diversos elementos, incluindo os padrões de beleza veiculados pela mídia e pela sociedade. A internalização desses padrões pode gerar insatisfação corporal, baixa autoestima e, conseqüentemente, afetar o bem-estar psicológico e a qualidade de vida dos adolescentes (ALCÂNTARA, 2021).

Por sua vez, Bittencourt (2013) evidencia a problemática que a imposição dos padrões de beleza exercem sobre os adolescentes, resultando em uma pressão considerada significativa. Muitos desses sujeitos, são levados a buscar a conformidade através de modificações corporais e ao se perceberem como desviantes desses padrões, os jovens podem vivenciar conflitos identitários e adotar comportamentos de risco, como a realização de cirurgias plásticas em idade cada vez mais precoce. Essas intervenções são influenciadas pela imagem que as redes sociais constroem no imaginário adolescente, que passa a ser alimentado por um padrão difícil de ser alcançado.

Souza (2020) revela que a pressão social pela conformidade a padrões de beleza idealizados, especialmente na adolescência, contribui para a medicalização da insatisfação corporal. A mídia, ao veicular imagens de corpos perfeitos e inalcançáveis, induz os jovens a buscarem soluções rápidas e artificiais para problemas relacionados à autoestima e à imagem corporal.

Essa busca desenfreada pela perfeição física pode levar ao desenvolvimento de transtornos alimentares, à realização de procedimentos estéticos invasivos e à utilização de substâncias prejudiciais à saúde. Nesse sentido, a ausência de um olhar crítico sobre esses padrões e suas consequências pode ter um impacto negativo na saúde física e mental dos adolescentes (SOUZA, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados obtidos com a pesquisa, foi possível observar que a cultura do corpo, ao longo da história, revela-se um mosaico complexo e dinâmico, moldado por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Desde a antiguidade, o corpo foi objeto de desejo, de culto e de controle, assumindo diferentes significados e valores em cada época e sociedade. Do mesmo modo, ao longo da história, os padrões de beleza e corpo idealizados variaram significativamente entre diferentes culturas e períodos históricos. O que era considerado belo em uma época, podia ser visto como feio em outra.

O corpo é parte de uma construção cultural, influenciada por diversos contextos e no presente, a mídia, em particular, desempenha um papel crucial na construção e na disseminação de padrões de beleza, influenciando a percepção que as pessoas têm de seus próprios corpos. A indústria da moda, a publicidade e as redes sociais contribuem para a criação de ideais de beleza muitas vezes irrealistas e inalcançáveis.

Sobre o corpo na adolescência e sua representação identitária, destaca-se que essa fase do crescimento humano é marcada por intensas transformações físicas e psicológicas, é um período crucial para a construção da identidade. O corpo, nesse contexto, adquire um significado especial, tornando-se um símbolo de pertencimento, de expressão e de diferenciação. As crenças sobre a estética corporal, moldadas por influências sociais, culturais e midiáticas, exercem um papel central nesse processo.

Na adolescência, o corpo é mais do que uma mera aparência física. Ele é uma representação de si mesmo, um meio de comunicar quem se é e a que grupos se pertence. As modificações corporais, como tatuagens, piercings e estilos de vestuário, são formas de expressar a individualidade e de se conectar com grupos sociais.

Os referenciais teóricos apontam que a mídia, em especial as redes sociais, exerce uma poderosa influência na construção da imagem corporal dos adolescentes. A exposição constante a padrões de beleza irrealistas e inalcançáveis pode gerar insatisfação corporal, baixa autoestima e comportamentos de risco.

Por outro lado, a pressão social pela conformidade a padrões estéticos idealizados leva muitos adolescentes a buscarem a perfeição física, muitas vezes através de dietas restritivas, exercícios excessivos e até mesmo cirurgias plásticas. Essa busca incessante pode ter consequências negativas para a saúde física e mental.

Em suma, compreende-se que é fundamental que os adolescentes recebam apoio e orientação para desenvolverem uma relação saudável com seus corpos, livre das pressões da sociedade e da mídia. Além disso, a promoção da diversidade corporal e a valorização das diferenças individuais são essenciais para a construção de uma identidade positiva.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, M.C.S. *Cultura do corpo na atualidade: a busca pela incansável perfeição feminina*. 2021. 45 f. Monografia (Curso de Psicologia) - Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, Paraíba, 2021.
- ANJOS, W. Um Panorama Histórico dos Padrões de Beleza. *Jornal Especializado Unesp*, 2018. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2018/06/11/um-panorama-historico-dos-padroes-de-beleza/> Acesso em: 13 set. 2024.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M.E.P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2016.
- BENEVIDES, S. C; RODRIGUES, V. I. Beleza pura: uma abordagem histórica e socioantropológica das representações do corpo e beleza no Brasil. *Revista Mosaico*, v. 10, p. 81-99, 2017. Disponível: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/5547/3079>. Acesso em: 13 set. 2024.
- BITTENCOURT, L. J. *Padrões de beleza e transtornos do comportamento alimentar em mulheres negras de Salvador / BAHIA*. 2013. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- CARMO JUNIOR, W. *Dimensões filosóficas da educação física*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2015.
- CUNHA, A. M. Padrão de Beleza através do tempo. *Revista Sociedade em Foco*, v.2, nº 4, p. 10-14, 2020. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/09/A-INFLU%C3%8ANCIA-DA-M%C3%8DDIA-NOS-PADR%C3%95ES-DE-BELEZA-p%C3%A1g-958-a-970.pdf>. Acesso em: 20 ago., 2024.
- DANTAS, E. H. *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 2018.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 2017.
- FREITAS, C.M.S.M; LIMA, R.B.T; COSTA, A.S; LUCENA, F. A. O Padrão de Beleza Corporal sobre o Corpo Feminino Mediante o IMC. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 389-404, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n3/a10v24n3>>. Acesso em: 13 set. 2024.
- GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2020.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2014.
- LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- ROSÁRIO, N. M. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose*. São Paulo: Emoriô, 2016.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2018.

SEMIS, L. Como o Conceito de Beleza se Transformou ao Longo dos Séculos? In: *Nova Escola*. Edição online. 2014. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3414/como-o-conceito-de-beleza-se-transformou.-Ao-longo-dos-seculos> Acesso em: 13 set. 2024.

SILVA, A. M. O corpo do mundo: Algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, J. C. (org). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2016.

SOUZA, M.R. *A construção do corpo feminino na contemporaneidade*. São Paulo: Paulus, 2020.

TAKEITI, B. A. CARNEIRO, C. PERES, S. O. *Adolescência e suas marcas: o corpo em questão*. Rio de Janeiro, Brasil, out 2021. Disponível em: <https://desidades.ufrj.br/featuredtopic/adolescencia-e-suas-marcas-o-corpo-em-questao/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

TUCHERMAN, I. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Veja, 2017.